



Máquina de escrever utilizada por Fernando Pessoa, s.d.

Os estudiosos do espólio de Pessoa contaram pelo menos 72 heterônimos e semi-heterônimos criados pelo poeta para dar vazão a sentimentos e ideias que, em muitos casos, não chegava sequer a reconhecer como seus. "Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se devessem escrever o autor em um de seus muitos textos a respeito do fenômeno da heteronímia.

O contato com a poesia de Fernando Pessoa (ortônima ou heterônima) revela, portanto, a essência do fazer literário: a capacidade de olhar para o mundo com olhos que, ao mesmo tempo, indagam, interpretam e traduzem uma realidade e os muitos sentimentos por ela evocados.

Texto para análise

Leia com atenção o poema abaixo para responder às questões de 1 a 6.

Texto 1

No poema, o eu lírico surpreende-se com um acontecimento que, além de afetar a rotina da cidade, desencadeia uma reflexão sobre sua própria identidade.

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-estar que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

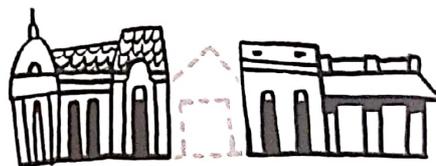
Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria.
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via.
Ele era fixo, eu, o que vou.
Se morrer, não falto, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

PESSOA, Fernando. Poesias de Álvaro de Campos. In: GALHOZ, Maria Aliete (Org.). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999. p. 383-4.



- O poema de Álvaro de Campos é estruturado de modo a criar um efeito de monotonia. Que elementos formais produzem esse efeito?
- O primeiro verso da primeira estrofe revela a reação causada por um acontecimento inesperado. Que acontecimento é esse?
 - Qual é a reação a tal acontecimento? De que modo ela é sugerida por esse primeiro verso?
 - Ao se dar conta do ocorrido, o estado de espírito do eu lírico se modifica imediatamente. Explique.
- Por que o acontecimento em questão desencadeia uma reação tão forte? Justifique.
- Na última estrofe, o eu lírico explicita por que a quebra da monotonia gerou uma reação tão forte. Transcreva os versos em que isso ocorreu.
 - Qual a importância do refrão, no conjunto do poema, quando consideramos a reflexão feita pelo eu lírico?
- Podemos afirmar que a reflexão desencadeada pela quebra da monotonia relaciona-se ao tema da identidade. Por quê?

6. Álvaro de Campos é o engenheiro, o homem que vive intensamente as transformações trazidas pelo progresso. Por esse motivo, ele é, entre os heterônimos pessoanos, o mais afetado pela crise de identidade que marca a vida nos centros urbanos no início do século XX. De que modo o tema desenvolvido no poema ilustra essa característica?

▶ O texto a seguir refere-se às questões de 7 a 9.

Texto 2

XXX

Neste poema, o eu lírico reflete sobre o misticismo.

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.

Sou místico, mas só com o corpo.

A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.

É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.

Vivo no **cimo** dum **outeiro**

Numa casa **caiada** e sozinha,

E essa é a minha definição.

PESSOA, Fernando. Poemas completos de Alberto Caeiro. In: GALHOZ, Maria Aliete (Org., int. e notas). *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 220.

Cimo: topo.

Outeiro: colina.

Caiada: branca.

7. O eu lírico afirma: “sou místico, mas só com o corpo”. Como pode ser entendida essa afirmação, considerando o contexto do poema?

• Transcreva os versos em que o eu lírico define o misticismo.

8. A poesia de Caeiro caracteriza-se, como você viu, por uma visão antimetáfrica do mundo, isto é, que não interpreta o que é visto como símbolo de sentimentos e emoções humanas. Como essa visão pode ser percebida no poema?

9. Qual a relação entre a visão de mundo presente na poesia de Alberto Caeiro e aquela desenvolvida por Álvaro de Campos? Responda levando em consideração os poemas transcritos.

Os anos sombrios da ditadura em Portugal

Com a chegada de Salazar ao poder e o início da ditadura do Estado Novo, a repressão passa a ser praticada em larga escala, com a instituição da censura e a criação da polícia política (a PIDE).

Em termos administrativos, cria-se uma fachada de tranquilidade, equilíbrio e ordem, apoiada pela realização de inúmeras obras públicas, como a construção de edifícios, de hidrelétricas que, de certo modo, preparavam o país para a industrialização que chegaria na década de 1950. Na verdade, o medo e a insegurança, aliados à passividade e à fragilidade das instituições, formam o verdadeiro retrato de Portugal sob a ditadura salazarista.

É no contexto do início do Estado Novo que surge a revista *Presença* com a proposta de uma literatura mais introspectiva e intimista.

Texto para análise – p. 546

1. As estrofes sempre com o mesmo número de versos (quadras), a recorrência do esquema rímico (ABAB), o fato de todas as rimas serem as mesmas (ia/ou), a presença de um refrão (“Desde ontem a cidade mudou”). A recorrência de todos esses elementos formais cria um efeito de monotonia no poema.
2. A morte do Alves, dono da Tabacaria.
 - a) O verso sugere que a morte do Alves causa uma reação de espanto e surpresa. A pontuação utilizada, uma exclamação ao final do verso, sugere tal reação.
 - b) Pelo que se pode inferir, o eu lírico encarava aquele dia como outro qualquer, na sua vida rotineira. Ao passar na frente da tabacaria e ver

a cruz na porta, constata a morte do Alves e, imediatamente, dá "ao diabo o bem-estar que trazia", ou seja, abandona o estado de espírito em que se encontrava (tranquilo, seguro, confortável em sua rotina).

3. A morte do Alves representa a perda de um ponto de referência: ele "era quem eu via. / Todos os dias o via. [...] Desde ontem a cidade mudou.". A quebra da monotonia, nesse sentido, tem um grande impacto, porque é como se o eu lírico perdesse uma referência necessária para se reconhecer ("Ele era o dono da tabacaria. / Um ponto de referência de quem sou").

4. "Ele era fixo, eu o que vou. / Se eu morrer, não falta"

- O refrão é uma afirmação da importância de Alves para todos aqueles que passavam pela porta da tabacaria: a cidade está diferente porque ele morreu. As pessoas reconhecem sua ausência e sentem a sua falta.

5. Ao constatar que ele é o "que passa", portanto alguém que não seria jamais referência para os outros (ao contrário do que acontecia com o dono da tabacaria, que permanecia sempre no mesmo local e era uma referência para ele), o eu lírico conclui que sua morte não teria qualquer impacto na vida das pessoas. É quase como se ele não existisse no contexto da cidade. A monotonia, a rotina, nesse caso, são símbolos da constância, da permanência, de uma identidade constituída e reconhecida pelos outros, em meio à multidão dos centros urbanos. A ausência desses elementos equivaleria, portanto, à indefinição da própria identidade.

6. O tema desenvolvido no poema ilustra muito bem essa característica ao opor a constância e a inconstância como sinais da presença ou ausência de uma identidade socialmente estabelecida.

7. Esse verso traz a definição de alguém capaz não de pensar a Natureza, mas de vivenciá-la concretamente. Essa pessoa é mística apenas com o corpo, pois sua "alma é simples e não pensa".

- "O meu misticismo é não querer saber. / É viver e não pensar nisso."

8. Ao apresentar a definição de alguém que não sabe o que é Natureza, que apenas a canta, o poema revela uma visão antimetafísica do mundo: as coisas são como são. Por meio dessa afirmação, sugere-se que esse tipo de "místico" apreende a Natureza através do corpo e não da mente ou da alma.

9. Percebe-se claramente uma relação de oposição entre a visão de mundo de Alberto Caeiro e a de Álvaro de Campos. Enquanto o primeiro apresenta a tranquilidade e a objetividade na percepção de mundo (um "místico apenas de corpo", pois vivencia concretamente a natureza, sem refletir sobre ela), Álvaro de Campos perde-se em sua subjetividade, sendo muito afetado pela crise de identidade que marca a vida nos grandes centros